



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1127

## POR UMA HISTÓRIA PELA VIDA: Relações entre Nietzsche e Rüsen

João Augusto Martin Nantes dos Santos  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Em meio às reflexões acerca da formação histórica é comum nos depararmos com uma questão que provoca certa aflição. “Para que serve a História?”. Percebemos a importância de se estabelecer respostas convincentes sobre esta questão, pois a seleção dos conteúdos históricos, dos temas, instrumentos metodológicos, fontes... Todas essas atividades são desempenhadas de acordo com entendimentos ligados ao uso da História na vida. Estimulados por esta indagação, aspiramos compreender para relacionar os pensadores alemães Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Jörn Rüsen (1938), na maneira como concebem seus estudos históricos atrelados à vida. Apesar da distância temporal e de posicionamentos, acreditamos que é possível traçar aproximações e distanciamentos importantes para a compreensão desses autores. Para alcançar o objetivo deste texto, estabelecemos o seguinte roteiro de pesquisa teórica: observar as críticas dos autores à tradição historiográfica, com ênfase ao seu apelo à vida; delinear definições gerais acerca de suas teorias, destacando o método sugerido por cada pensador; para que por fim, possamos analisar possíveis afinidades e desacordos no uso da história para a vida de Nietzsche e Rüsen. Até o atual momento da pesquisa, conseguimos concluir que ambos idealizam um conhecimento histórico útil à vida, tecem críticas às historiografias de seus tempos e recriminam também a teleologia na História. Ao tipificarem os sentidos históricos percebemos também grandes aproximações entre os autores.

**Palavras-chave:** Formação Histórica; Utilidade da História; F. Nietzsche; J. Rüsen; Sentidos Históricos.

### 1 INTRODUÇÃO

Em meio às reflexões acerca da formação histórica (um campo de pesquisa frequentemente examinado na área do ensino da história) é comum nos depararmos com uma questão que provoca certa aflição. “Para que serve a História?”. Num primeiro momento, essa pergunta pode até parecer ingênua, entretanto, com um olhar mais atento, percebemos a importância de se estabelecer respostas convincentes sobre esta questão. Pois, a seleção dos conteúdos históricos, dos temas, instrumentos metodológicos, fontes... Todas essas atividades são desempenhadas de acordo com entendimentos ligados ao uso da História na vida. Aliás, caso não encontremos tais respostas, não haveria sentido coerente

algum para tantas atividades feitas em nome da História. A não ser para o bel prazer de nós historiadores.

Estimulados por esta indagação, aspiramos compreender como os pensadores alemães Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Jörn Rüsen (1938) concebem seus estudos históricos atrelados à vida<sup>1</sup>.

## **2 OBJETIVOS**

O objetivo central do trabalho é compreender como os pensadores alemães Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Jörn Rüsen (1938) concebem seus estudos históricos atrelados à vida. Para alcançar o objetivo deste texto, estabelecemos o seguinte roteiro: observar as críticas dos autores à tradição historiográfica, com ênfase ao seu apelo à vida; delinear definições gerais acerca de suas teorias, destacando o método sugerido por cada pensador; para que por fim, possamos analisar possíveis afinidades e desacordos no uso da história para a vida de Nietzsche e Rüsen.

## **3 RESULTADOS**

*Na Segunda consideração Intempestiva, ou Da utilidade e desvantagem da história para a vida* (1874), Nietzsche apresenta a História como um saber do passado que tem como estratégia, manter o homem saudável no mundo do devir. Neste texto, Nietzsche provoca, dizendo que em muitos casos, a história “instrui sem vivificar atividades”. Para o filósofo, essa característica seria um não valor da História. Nietzsche apregoa uma história para a vida e a ação. Eis a característica “intempestiva” do seu texto. Nietzsche vai contra o tempo ao pensar uma história para a vida.

O filósofo acredita viver uma “febre histórica”, o exagero da história não deixa o homem esquecer-se do passado, e isso faz com que o homem adoça no

---

<sup>1</sup> Neste texto encontra-se apenas uma parte da pesquisa que desejamos realizar no mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina, sob orientação da professora doutora Márcia Elisa Teté Ramos.

mundo do devir. Para ele, essa febre produz uma “virtude hipertrofiada”, pois, o homem histórico que não esquece, não goza da felicidade. Para ser feliz, é necessário esquecer.

O homem (...) contrapõe-se ao grande e cada vez maior peso do que passou: este peso o oprime ou o inclina para o seu lado, incomodando os seus passos como um fardo invisível e obscuro que ele pode por vezes aparentemente negar e que, no convívio com seus iguais, nega por prazer: para lhes despertar inveja. Por isso o aflige, como se pensasse em um paraíso perdido, ver o gado pastando, ou, em uma proximidade mais familiar, a criança que ainda não tem nada a negar de passado e brinca entre os gradis do passado e do futuro em uma bem-aventurada cegueira.<sup>2</sup>

A consciência de que o tempo passa, a consciência da finitude tira a possibilidade de uma alegria animal ao homem. Para ser feliz no mundo do devir, Nietzsche parece acreditar que deve existir certa tensão entre o histórico e o a-histórico, o lembrar e o esquecer. É impossível viver feliz sem o esquecimento, porém, sem a lembrança se vive feliz, Nietzsche vê isso entre os animais. Para o filósofo, há homens que padecem com o passado, e há homens (de natureza forte) que não se subjuga e sabe esquecer, pois “(...) o histórico e o a-histórico são na mesma medida necessários para a saúde de um indivíduo, um povo e uma cultura”<sup>3</sup>. Atingir esse ponto içaria o ser cognoscente, este novo homem teria coragem de viver tudo de novo, veria utilidades e vantagens da história.

Segundo André L. Joanilho e Mariângela P. G. Joanilho (2008), durante os séculos XIX, e parte do XX, havia uma lógica que transcendia os acontecimentos de maneira escatológica, laica e/ou religiosa. Os fatos eram estudados numa perspectiva que deflagrava o acaso. Entretanto, entre os autores dessa época encontramos Nietzsche, com uma voz destoante<sup>4</sup>. Segundo os articulistas, Nietzsche percebeu (e Michel Foucault aprofundou tal percepção) que para além da epistemologia, e dos discursos filosóficos que justificam tais epistemologias, existem

---

<sup>2</sup> NIETZSCHE, F. **Segunda Consideração Intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Releme Dumara, 2003. p. 8.

<sup>3</sup> Ibidem. p. 11.

<sup>4</sup> JOANILHO, André Luiz; JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. A genealogia e a história são cinza. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 1, n. 13, p.95-108, jan. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2258>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

as coisas. Coisas estas, que possuem ordens espontâneas e próprias, mas são mudas.

Pode-se entender então, que a historiografia do século XIX, e as alocações filosóficas que a legitimavam, nomeava grandes começos, monumentais e prestigiosos. Acreditava-se em um começo que já nascia com um fim estabelecido, um *telos*, e caberia aos homens, o papel de coadjuvantes. Porém, *A Segunda Consideração Intempestiva* é uma crítica à historiografia do século XIX e os discursos filosóficos que a embasavam. Essa história cientificista do século XIX valoriza o processo e o progresso, porém, é vazia de vontade de potência. Isso a torna desprezada por Nietzsche. Desvalida porque, a ciência, uma criação do homem, estaria abafando o próprio homem. Teorias científicas se sobrepõem à vontade e não se tem mais a possibilidade do agir, apenas um reagir fraco e triste. Nietzsche, ao estudar a origem dos valores morais, questiona a passividade dos homens em relação à essa história, e critica também esses valores dados sem questionamentos.

(...) necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, *o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão* – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado. Tomava-se o *valor* desses “valores” como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento; até hoje não houve dúvida ou hesitação em atribuir ao “bom” valor mais elevado que ao “mau”, mais elevado no sentido da promoção, utilidade, influência fecunda para o *homem* (não esquecendo o futuro do homem).<sup>5</sup>

Percebe-se que Nietzsche também propõe um retorno à origem, entretanto, de uma maneira bem diferente, com um sentido para a vida, e uma vida no presente. A palavra “necessidade” no início da citação enfatiza tal concepção. Nietzsche deseja analisar a origem sem o compromisso de submeter o presente a expensas do futuro. Compreendemos a crítica à teleologia da história como uma das mais contundentes.

---

<sup>5</sup> NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P.12 e 13.

Durante tais críticas de Nietzsche à historiografia de sua época, críticas essas à duros golpes de martelo. Nietzsche percebe que a história interessa aos seres vivos por três motivos: porque agem e perseguem um fim; porque conservam e veneram o que já foi; e porque sofrem e tem necessidade de libertação. Esses três motivos correspondem à três sentidos históricos. A história monumental, a história de antiquário e a história crítica.

A história monumental entendida por Foucault se estabelece como uma paródia, destruidora da realidade e do sujeito do conhecimento<sup>6</sup>. Tal sentido histórico marca cumes da história e os mantém vivos e grandiosos. Para Nietzsche, diz respeito à homens ativos e poderosos, que colocam a felicidade dele, ou de seu povo, como meta. Tal momento grandioso estaria vivo e serviria de modelo para a criação, porém, viveria em conflito com o resto, com os momentos não grandiosos. Viver em função apenas do passado glorioso, nega a vida. Nietzsche sugere um sentido supra-histórico da história monumental.

Já a história antiquário preserva e venera, mantendo viva, a experiência de gerações passadas para que no futuro, as outras gerações tenham conhecimento dessas experiências. Segundo Nietzsche, assim ela serve a vida, conectando gerações e populações à sua terra natal e hábitos de sua terra. Ao prender indivíduos aos seus companheiros e/ou ambientes, estaria agindo de forma medicinal. Porém, a história antiquário não poderia dissolver o passado em puro conhecimento. Foucault acredita que Nietzsche usa a história antiquário como ponte para a criação à serviço da vida, porém, a identidade criada por ela, é apenas uma máscara, habitada pelo plural, plural este que vive em conflito. Destruir a identidade opõe-se a história-antiquário.

A história crítica emerge de uma reação contra os momentos que foram cristalizados e não permitem o aparecimento de novas forças. Essa história leva o passado à uma espécie de tribunal para o julgar. Nietzsche se esforça para convencer de que essa história deve também, servir à vida. Pois, a vida precisa do esquecimento em alguns momentos (a-histórico), e em outros momentos, precisa aniquilar o esquecimento e revelar todas as injustiças da história. Porém, Foucault,

---

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. p. 21.

tentando se aprofundar nesses fundamentos nietzschianos faz interessantes ressalvas. A vontade de verdade deve ser limitada pelo sacrifício do sujeito do conhecimento. A obstinação pela verdade da história crítica matará a humanidade ou fará ela morrer de fraqueza. Nietzsche critica a história crítica quando ela sacrifica o homem em nome da verdade e da justiça.

Segundo André e Mariângela Joaquinho, Nietzsche não resolve os problemas ligados a esses três sentidos históricos, mas talvez, nem seja esse o objetivo do pensador alemão. Ele observa cada concepção por perspectivas diferentes e parece indicar algo que misture todas as concepções.

Assim, a história monumental carrega os espíritos livres, são exemplos de vontade de potência. Conservar tais experiências, como propõe o sentido da história antiquário, seria mantê-la para a vida, alimentando os conflitos entre diferentes forças. E a história crítica possibilitaria julgar esse conhecimento, julgá-lo de acordo com a vida, revelando injustiças. Entretanto, o pensador salienta também os riscos de cada entendimento, causados pela instrumentalização desse passado.

Agora, dialogando com a outra face deste trabalho, percebemos em Jörn Rüsen um dos pensadores mais interessantes da historiografia atual. Talvez seja pelo fato de fazer seu apelo a uma história pela vida, assim como Nietzsche. Segundo Rüsen, “(...) a didática da história, por muito tempo, não era considerada parte integrante da disciplina especializada ‘história’, mas apenas como aplicação pedagógica, referente apenas ao uso externo do saber histórico.”<sup>7</sup> Algo que para o pensador é extremamente problemático, pois, traz um descontrole sobre a repercussão da produção historiográfica. Segundo Rüsen, “(...) uma espécie de inconsciência acerca da práxis historiográfica.”<sup>8</sup>

No livro *História Viva: teoria da história III* (2007), Rüsen apresenta a “Didática” como um conceito altamente controverso no campo do pensamento histórico.<sup>9</sup> Ele acredita que a didática passou por profundas e nocivas alterações durante a transformação da história em ciência, tornando a didática, algo completamente externo à história.

---

<sup>7</sup> RÜSEN, Jörn. **História viva: teoria da história III**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. p. 11.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 12.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 88.

Antes dos historiadores olharem para seu trabalho como simples questões metodológicas, havia reflexões sobre a importância e uso da história para a vida. Porém, com a profissionalização do historiador, o uso e a importância da didática foram deixados de lado, perdendo assim, a possibilidade de suprir as necessidades de orientação do homem no tempo. A didática, aos poucos, foi substituída pela metodologia de pesquisa histórica. Os historiadores profissionalizados acreditavam que assim, dariam garbo e “brilho” de ciência à história. Rüsen lamenta tal transformação e diz: “(...) apesar de seu clamor racionalista, havia [os historiadores profissionalizados] conduzido aquilo que eu gostaria de chamar de ‘irracionalização’ da história”<sup>10</sup>.

Para Rüsen, pesquisas que atuam em uma melhor perspectiva sobre a didática da história estão apenas começando e há poucos objetivos já estabelecidos. O articulista acredita haver quatro temas principais ligados à didática da história. A metodologia da instrução; as funções e usos da história na vida pública; o estabelecimento de metas para a educação histórica; e a análise da natureza, função e importância da consciência histórica, que para Rüsen, é a discussão mais interessante.

Porém, Rüsen levanta importantes e contundentes questões. Como avaliar o aprendizado histórico? Com a queda do monopólio da metodologia, que outro parâmetro será usado para ajuizar sobre o aprendizado? Sem a exclusividade da metodologia, abre-se espaço para pontos de vistas emocionais, estéticos, normativos, de interesses. Ou seja, perspectivas ligadas à vida. Porém, como avaliar esse aprendizado histórico que é sempre parcial? Rüsen acredita que todas essas questões podem ser remediadas através da narrativa, pois, a narrativa é a maneira como a história é produzida e disseminada.

O autor vai além, salienta que a narrativa histórica está ligada também, ao ambiente da memória, possibilita compreender continuidades (organizando o passado, o presente e o futuro) e serve para se fundar identidades de seus autores e ouvintes. O autor acredita que até mesmo a aprendizagem pode ser verificada pela narrativa histórica, de acordo com o tipo de narrativa. Rüsen estabelece a tipologia de narrativas históricas levando em consideração a memória, as

---

<sup>10</sup> Ibidem, p. 25.

continuidades, identidades, mas principalmente, os sentidos do tempo. Características estas, vinculadas com as condições da vida prática de cada indivíduo ou grupo.

Esta função geral pode ser realizada de quatro modos diferentes, de acordo com as quatro condições necessárias que devem ser preenchidas para que a vida humana possa continuar em seu curso no tempo: afirmação, negação, regularidade, transformação.<sup>11</sup>

Cada condição necessária produz um tipo específico de narrativa histórica. Quando se confecciona uma narrativa tradicional, há a valorização da temporalidade eterna, buscando as origens e permanências dos modos de viver, portanto, suprimindo as necessidades de afirmação. Na narrativa de tempo exemplar, a necessidade de regularidade é atendida através da extensão espacial do tempo histórico, resgatando casos em que regras são estabelecidas e generalizadas para todos os tempos e espaços. Já a narrativa crítica tem um sentido de julgamento da temporalidade, problematizando os modos de vida, alterando idéias de continuidade e principalmente negando os padrões de identidade. O último tipo de narrativa, o mais complexo, é chamado por Rüsen de genética. Segundo o autor, essa tipologia oferece um maior entendimento sobre a temporalidade. Percebe-se as transformações nos modos de vida e permite a escolha do mais apropriado, através do desenvolvimento consciente das continuidades e mediação das mudanças. Esse tipo de narrativa revela um sujeito mais emancipado, pois, age de maneira livre e pró-ativa, percebendo-se como autor da sua relação com a dinâmica temporal.

Assim, Rüsen vê certa hierarquia entre os tipos de narrativas, partindo da tradicional para o exemplar, crítico e genético. Isto porque, segundo ele, há uma crescente complexidade nas narrativas, ligadas às distinções entre a temporalidade individual e a dos outros, às formas de significação histórica, abstrações, operações lógicas, orientações (internas e externas), autocompreensão histórica e pela raridade do tipo genético.

---

<sup>11</sup> Ibidem, p. 98.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta parte do trabalho, talvez se encontre o componente mais controverso do texto. Aqui há uma tentativa de articulação das ideias dos autores, à luz de nossos entendimentos. Com certeza, tal exibição acarretará no embate do leitor já familiarizado com os autores. Porém, contestações, concordâncias e discordâncias serão bem vindas após a leitura<sup>12</sup>. Toda e qualquer comparação estabelecida nas “ciências humanas”, de modo geral, geram extensos debates e divergências. Apesar de tudo, cremos na importância de tais comparações, seja pelo desenvolvimento da compreensão dos temas envolvidos ou pelo prazer obtido durante o exercício de tais reflexões.

As diferenças entre Nietzsche e Rüsen são inumeráveis, das distâncias temporais ao estilo de escrita. Não parecem compactuar das mesmas vertentes de pensamento e nem das mesmas experiências de vida. Porém, acreditamos que há também proximidades. Primeiramente por proporem um objetivo extremamente próximo. Conceber um conhecimento histórico útil à vida. Apesar de tantos distanciamentos entre os autores, ambos almejam o mesmo fim em seus textos.

As semelhanças não param por aí. Ao pesquisar sobre a utilidade da história para a humanidade, encontramos respostas próximas dos autores. Enquanto para Nietzsche, a história serve para tornar o homem saudável no mundo do devir, Rüsen acredita que há condições necessárias para a vivência dos indivíduos. Tais condições são estabelecidas pelas mudanças que agem sobre a vida de cada um e podem ser superadas com a história.

Nas críticas à historiografia, encontramos passagens em que Nietzsche alerta para a história que instrui sem vivificar. Ele critica a “hipertrofia da história” que, a nosso ver, parece semelhante à crítica de Rüsen ao descontrole da produção historiográfica, gerando o que Rüsen chama de “irracionalidade histórica”. Ambos percebem o temor do homem diante da consciência de sua finitude. Entretanto, enquanto Nietzsche aponta a saída desse medo pela mediação entre o lembrar e o esquecer, Rüsen acredita que tal superação se dá através da consciência histórica de sentido genético. Os dois autores atacam as concepções teleológicas da história.

---

<sup>12</sup> Caso o leitor tenha alguma consideração ao trabalho, serei muito grato em recebê-la no seguinte email: [joanantess@gmail.com](mailto:joanantess@gmail.com)

Percebem e recriminam os aspectos de monumentalidade, busca da essência na origem e menosprezo dos indivíduos diante da teleologia. Esses autores alemães incentivam a vontade de potência dos indivíduos no tempo, valorizam a narrativa e condenam a inutilidade da história que exclui a vida de seu arquitetura.

Apesar de todas essas proximidades, a que nos causou maior surpresa foram as tipologias estabelecidas pelos autores acerca dos sentidos históricos. Mesmo que cada autor construa sua tipologia diante de um determinado problema teórico e que Nietzsche estabeleça três tipos, enquanto Rüsen quatro. Há muitas características semelhantes nos tipos construídos.

Nietzsche acredita que os indivíduos possuem necessidades: de ações e finalidades; conservação e veneração e; sofrimentos e libertação. Essas necessidades são supridas através de três sentidos históricos: monumental, de antiquário e crítico. Já Rüsen, situa como necessidades humanas a afirmação, regularidade, negação e transformação, que correspondem a quatro sentidos históricos: tradicional, exemplar, crítico e genérico.

Há semelhanças entre os sentidos históricos, monumental de Nietzsche e o tradicional de Rüsen, ao percebermos que ambos caracterizam esse sentido como mantenedor dos modos e costumes, de maneira grandiosa e eterna. Nesses sentidos históricos são esquecidos ou menosprezados os conflitos e ainda nega-se a vida em nome de um passado grandioso. Porém, Nietzsche acredita que esse sentido histórico diz respeito a homens ativos e poderosos, que colocam a própria felicidade, ou de um grupo, como meta (num sentido supra-histórico). O entendimento de Nietzsche poderia ser compreendido por Rüsen como um sentido exemplar. Contudo, Rüsen salienta que as adjacências entre o tipo tradicional e exemplar são grandes.

Relacionando o tipo nietzschiano do sentido de antiquário com o modo exemplar de Rüsen, percebemos a valorização da preservação, veneração e manutenção de identidades desses sentidos históricos. Nessa modalidade, constroem-se narrativas medicinais, ou seja, mais serventes à vida prática. Porém, os dois autores alertam para o disfarce dos conflitos, que acontecem nesse sentido histórico. Há uma extensão espacial do tempo, um congelamento de regras e

ditames. Com tudo, notamos diferenças entre os autores ao perceber que Nietzsche projeta maior ênfase na preservação da memória, enquanto Rüsen, nos modos de vida e regras gerais.

O tipo de sentido crítico aparece com o mesmo nome nos dois autores, todavia, as semelhanças não param por aqui. Ambos vêm no sentido crítico uma reação, ou seja, uma negação, um contranarrar. O indivíduo propõe um julgamento do passado. De acordo com as noções atuais de justiça, os sujeitos se lembram ou esquecem do passado. Problematização e alteração de ideias já dadas são extremamente presentes. Mas, para Nietzsche, deve haver limitações da vontade de verdade desses indivíduos. Essas atitudes só seriam válidas se continuassem a servir à vida.

Sobre o tipo genético de Rüsen, não encontramos tal denominação nos escritos nietzschianos. Mas, quando Nietzsche escreve sobre homens fortes, de espíritos livres, capazes de se esquecer e lembrar saudavelmente. Sujeitos estes cognoscentes, que enxergam utilidades e vantagens na história para a vida. Inclino-nos a pensar que é um tipo próximo ao genético de Rüsen. Pois, para este, sujeitos que desenvolvem o tipo genético de sentido histórico, são capazes de perceber transformações e a essência do tempo. E assim, propor alterações de acordo com sua vontade e consciência histórica. O devir passaria de ameaça para caminho. Valorizando assim o futuro, mesmo com toda incerteza que o envolve.

Apesar dessas vizinhanças entre os sentidos, há importantes ressalvas a serem consideradas. Uma das mais respeitáveis delas é a maneira como cada autor se relaciona com os tipos. Para Nietzsche, cada sujeito deve tomar para o si o devir e confeccionar a história. Utilizar-se do sentido crítico, monumental e de antiquário para essa tarefa. Tanto a reação da história crítica, a tradição da monumental e os grandes exemplos de homens do modo de antiquário são válidos. Rüsen, porém, não vê da mesma forma. Para o autor contemporâneo, há certa hierarquia entre os sentidos históricos, causados por vários motivos, mas principalmente pela complexidade. Seguido do menor ao mais complexo na seguinte ordem: tradicional, exemplar, crítico e genético. Todas estas ligadas às convicções morais do presente.

Para finalizar, é interessante lembrar que os autores escrevem sobre perigo de tais percepções, pois assim, interesses particulares e de identidades exclusivistas instrumentalizariam a história. Nietzsche parece gostar e desejar tal risco. Já Rüsen parece sinalizar que a consciência histórica (e todo seu aparato conceitual desenvolvido) pode barrar o avanço da instrumentalização da história.

## 5 REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

JOANILHO, André Luiz; JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. A genealogia e a história são cinza. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 1, n. 13, p.95-108, jan. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2258>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

MOTA, Thiago. O conceito de genealogia em Nietzsche. **Intuitio**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p.308-328, nov. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/4232>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

NABUCO, Edvaldo. Uma reflexão sobre a história em Nietzsche e Foucault: a história efetiva como contramemória. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.66-79, 2007. Disponível em: <<http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/104>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

NIETZSCHE, F. **Aurora**. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Releme Dumara, 2003.

RÜSEN, Jörn. **Jörn Rüsen e o ensino da história.** Curitiba: UTPR, 2011.

\_\_\_\_\_. **História viva: teoria da história III.** Brasília: Universidade de Brasília, 2007.